

Peregrinação, a tarefa de uma vida.

Ir.Gotzone Mezo

A peregrinação é apresentada a nós como uma metáfora profunda e universal da existência humana que transcende culturas e épocas. Hontanas, um pequeno vilarejo em Burgos, no Caminho de Santiago, torna-se um cenário esplêndido onde essa experiência ganha vida. O Caminho Francês, com séculos de história, testemunhou a passagem de inúmeros peregrinos de todos os cantos do mundo, cada um movido por razões únicas e muitas vezes inexprimíveis. No entanto, eles compartilham um elemento comum: o desejo de se conectar com a parte mais profunda de si e, ao mesmo tempo, com algo maior do que eles, um certo anseio de transcendência...

Há tantas coisas que podem ser ditas sobre o Caminho... vou simplesmente lembrar algumas delas, usando o relato de um caminhante que alguns de nós conhecemos, o jesuíta Felix Revilla.

Peregrinar implica abandonar a rotina e as restrições da vida cotidiana. O peregrino se liberta das “correntes” de tarefas que normalmente o absorvem e encontra uma nova forma de liberdade na simplicidade da vida cotidiana. A caminhada se torna o objetivo central e cada dia é reduzido a poucas tarefas: caminhar em direção à meta diária, hidratar-se, alimentar-se e encontrar um lugar para descansar. Esse retorno ao básico permite que o peregrino se desligue das distrações e preocupações materiais, entrando em contato com um modo de vida austero que, paradoxalmente, é sentido como profundamente enriquecedor.

Outra característica valiosa do Caminho é a descentralização das relações humanas. Os peregrinos deixam para trás os papéis e os preconceitos que os definem em suas vidas diárias. No Caminho, todos são iguais: um empresário, um estudante, um padre ou um professor compartilham o mesmo caminho, as mesmas preocupações e as mesmas dores físicas. Essa atmosfera de igualdade e companheirismo promove relações humanas livres, sinceras e desprovidas das barreiras sociais habituais. A possibilidade de simplesmente ser outra pessoa, sem rótulos, é uma dádiva raramente encontrada na vida moderna.

O desapego material também desempenha um papel fundamental na experiência do peregrino. Em uma mochila, de preferência leve, o caminhante carrega o essencial para a sobrevivência. Essa austeridade, escolhida conscientemente, ressalta a conexão entre o Caminho e um modo de vida mais sustentável e amigável ao planeta.

Além disso, o Caminho não apenas desafia os limites físicos do peregrino, mas também o confronta com uma profunda introspecção. Os longos dias de caminhada oferecem um tempo inestimável para reflexão, para enfrentar seus medos, dúvidas e desejos. A dor física, a fadiga e a adversidade tornam-se oportunidades para descobrir a capacidade de

autoaperfeiçoamento, aquele potencial oculto que muitas vezes fica adormecido no conforto da rotina.

O Caminho também é uma experiência de imersão na natureza, uma reconexão com a criação que é cada vez mais rara em um mundo urbanizado. As paisagens mutáveis, as vistas panorâmicas e a presença constante do ambiente natural proporcionam um cenário ideal para a contemplação e a admiração. É um lembrete da beleza e da grandeza do mundo, que ignoramos muitas vezes em nossa vida diária.

Por fim, o Caminho é também uma jornada rumo ao transcendente. Na simplicidade da experiência e no desapego do supérfluo, abre-se um espaço para o encontro com Deus ou com o que cada peregrino considera sagrado. É um momento de elevar o olhar, agradecer e encontrar sentido na jornada externa e interna.

Uma experiência tão especial como um Caminho com essas características já havia sido realizada por algumas de nossas Irmãs. E, no contexto da reflexão sobre a missão do Capítulo Provincial de 2014, considerávamos as possibilidades de realizar uma nova missão juntas no verão. Uma irmã sugeriu a ideia de estar presente em algum lugar ao longo do Caminho de Santiago, para oferecer - no final de uma etapa do Caminho - alguma atividade que envolvesse acolhimento, apoio, ajuda... para os peregrinos que quisessem. Precisávamos de uma igreja aberta (muitas não estavam abertas no Caminho) e de um lugar onde pudessemos nos instalar.

O trabalho de algumas das Irmãs propiciou que, no verão seguinte, tivéssemos o lugar certo para nossa missão: Hontanas, o pequeno vilarejo que mencionei no início. Começamos com quatro Irmãs, sem saber o que realmente poderíamos fazer, e a missão tomou forma em pouco tempo. Não era necessário grande conhecimento ou grandes recursos.

Nossa oferta:

- A possibilidade de uma oração guiada que pode “ir ao encontro de sua situação”.
- Uma massagem nos pés para aliviar seus pés do trabalho árduo da viagem.
- Uma infusão de uma bebida refrescante.
- A possibilidade de um diálogo espontâneo pessoal ou em grupo.
- A execução de uma dança contemplativa de bênção para encerrar o dia.

Cada um desses gestos, por menor que parecesse, possuía um significado imenso para aqueles que o recebiam.

A experiência com os peregrinos foi uma descoberta que nos encheu de admiração e alegria. Misteriosamente, o significado do caminho para eles acabava sendo, na maioria, uma experiência semelhante para nós também:

- Sair de nossa vida cotidiana para viver à margem de tudo o que constitui nossa vida diária.

Viver com Irmãos e Leigos com os quais não convivemos e que, às vezes, não conhecemos.

- Compartilhar a vida, as tarefas, a oração e, acima de tudo, a presença com os peregrinos.

Esse último implica entrar em contato com pessoas totalmente desconhecidas, que estão num momento “especial” de suas vidas porque estão no Caminho, que, certamente, compartilham o que estão vivendo (às vezes com uma profundidade maior do que jamais fizeram antes, porque estão dedicando tempo para se encontrar) e precisam de alguém para ouvi-las e, às vezes, também para poder falar sobre sua situação, suas descobertas, suas tristezas ou suas alegrias, seus desejos e projetos...

Pessoas com quem nos encontramos em uma noite, estabelecemos uma conexão e que - muito provavelmente - nunca mais veremos.

Uma missão que não tem “frutos”, nem constitui um processo, nem há acompanhamento, apenas um encontro único, às vezes muito intenso devido à comunicação gerada, mas que termina ali.

No entanto, há experiências que deixam marcas: contemplar uma pessoa que não consegue parar de soluçar, que precisa falar com uma máquina para traduzir do coreano para o espanhol e que, sorridente, lhe mostra uma mensagem que diz: “Muito obrigado, muito obrigada, sinto que é Jesus que cuida e acaricia meus pés”, é algo que vai além do que se pode esperar. E experimentamos um momento de forte presença do Espírito, que supera todas as nossas limitações e barreiras de idioma e cultura, permitindo-nos saber e sentir que somos irmãos e irmãs, viajantes em busca de significado, responsáveis por cuidar uns dos outros e do nosso mundo...